

A edição tipográfica, como as flores num jarro que fala o poema de Rilke, está sempre à espera de água que, uma vez mais, a salve da morte iniciada a partir do momento em que, de todas as potencialidades, passamos a desenvolver não as mais belas e excitantes, mas sim as mais rentáveis. Noa Noa, Tipografia de Ouro Preto, Gráfica Marly, Lira Nordestina, nomes de vias por onde passou e continua a passar uma história secreta da literatura. Entre o dom e a danação.

Além do gesto tipográfico, coerente com seu trabalho de artista plástica, pela vocação da materialidade, pelo corpo a corpo com a produção final, e sobre o gesto tipográfico, como marca d'água, Márcia Clayton traça uma dupla viagem. A viagem-Dublin, daí DUBLINIA, pedra-ímã à qual vão se reunir os fragmentos de vida, desejos, histórias, acidentes, pessoais e alheios. E outra viagem, também pedra, mas pedra-tumular, a dos obituários, tombeau ao qual se reúnem biografemas, mais do que biografias, res/grafemas.

Estes poemas, estas gravuras, agora, em suas mãos, foram há pouco um bater surdo de prensas dentro da noite do Morro da Conceição. Como um coração multiplicador, se se pode chamar de multiplicar o ato de gerar o que já nasce raro. Há vida por onde quer que se olhe e examine essa caixa-preta.

Carlito Azevedo

Dublinia

Dublínia 0

campos manicurados de um lado
palha do outro;
paro para envolver a meia cansada
ao redor do jeans dentro da bota.
apoio na mureta incaica sem liga
só trepadeiras a cimentar; ao invés
de framboesas
colho os espinhos. Musgos de pêlo
de animal
revestem o corpo das pedras
na ideia bizarra e úmida
de assento. Prossigo

a caminhada
até gente que diz *hi*
escolho a trilha de estrume
como João e Maria
para não errar. Stonehenge
dividida em latifúndios
leva a outros rituais:

atrás dessa janela
carcomida de história
entreaberta
devaneio e realidade
não há trinca para entrar.

Um galho seco

beija o outro

e um tubo de cobre

se levanta do chão,

obelisco de nenhum lugar.

É muito tarde para desamá-lo,

(em vez) vamos cozinhar algo elaborado.

Dublina 1

as nuvens se dispersam
não pede muralha o vale
o capim alto batuta o vento
e a roçar o pasto do lado esquerdo
vem o carro apertado na estrada

homens vermelhos
de frio e álcool
bebem com unhas encardidas de Guinness,
o guitarrista bate o recorde
para entrar no Livro

mulheres chilreiam conversas miúdas
ao lado de varais repletos de Jessicas e Lavinias,
mesas postas para o jantar
lavanda, rosas e ruibarbo

o ouro
bate nas janelas às 4:30 da tarde,
o celeiro é enrolado de feno para o inverno
a carne de ovelha
descansa nos ensopados

Dublinia 2

O guitarrista Dave Browne quebrou o recorde no livro Guinness de recordes pela mais longa maratona de guitarra a vivo dos dias 12 a 17 de junho deste presente ano. Foram 114 horas sentado em um banco, utilizando 5 dedos com unhas compridas da mão direita e 10 dedos azevichados pelas cordas de aço. O acontecimento foi realizado no Bardo Temple, situado na mesma rua, sem número. Dave Browne usava na ocasião a medalha de São Patrícia ao peito, não havia lido o livro de Kells e se ateve na câmara de solstício de inverno.

Dublina 3

Nunca estou onde pensam que estou
as hachuras ao bico da bota
desenham cidades não visitadas
rasuras de olhares que não troquei
vãos de metrô em loop
garatujas de cigarro jogado fora
A contramão das solas
arranha o nobuck
contra a pele

Dublina 4

Aqueles sapatos masculinos
estacionados no final da esteira rolante
sola do par direito mais gasta;
cadarços -
cintos desafivelados
furos -
a íris vezes checada
couro -
dentro úmido escuro
quantos amores encobertos
do trabalho para casa

Dublina 5

uma pedra levantada por dia
o coração de alguém à noite,
barômetro
a bater os portões
famélicos de Kilmainham*.

enfraquecer os corpos
não reformava
as mentes;
colheres de osso
tentavam como o metal,
nem madonas afrescadas nas celas
a sangue e unha
traziam amores de volta;

Joseph e Grace,
amantes
na omissão de palavras,
no pulsar das relações emocionais das pedras,
acordos retinianos
de filas inapetentes e berços separados,
a girarem
na posição vertical
peças de um museu
sem discernir
a dança do vórtice

revolução e transcendência
a viverem em uníssono num (único) dia
a rodopiarem
descobrimo o limite de seus corpos
mudos e (ainda) humanos
entrelaçados
fôlego e nó
pão e água para o almoço
sopa de água para o jantar
até o chão partir-se.

**prisão em Dublin, onde revolucionários a favor da independência da Irlanda eram enforcados,
mas antes desorientados ao torcerem a corda.*

Dublina 6

o rato que brincava de *peek-a-boo* com o mandolim de Picasso numa mesa, com as tortas de limão do café da manhã adormecidas na aba do chapéu de van Dongen, com-as-partes-que-revelam-o- todo-e-só-a-realidade-física-das-coisas-pode-atrapalhar-o-conceito, com as carnes de Soutine, com a prisão de Cristo que os falsários não se importavam, com o absinto, as xícaras de chá que agoniavam as bexigas, a calefação que subia pelos rostos, com as famas amarfanhadas nos gobelins, com o Caravaggio e suas armaduras a vender, com os spots diáfanos pelo caminho, com os guardas a pintar telas de branco, com a natureza selvagem das mentes espalhadas pelos cantos, inanimadas e com fome, com a atriz no teatro fechado, com o Omar de um sir pintor abandonado em uma bivaque do deserto, com os rodins, brancusis e camilles, sem a envergadura de um pensador, a sucintez de um pássaro ou a loucura de uma mulher, arremessando poetas em seu entorno, com o cinzel daqueles que têm o ofício, inerte diante das citações, com a absoluta busca de prazer entre vermes e vivos, alheio aos solavancos da passagem do trem, dormentes feridas, telhados de ardósia a conter o inverno, aparvalhado nas decisões a tomar, na curiosidade da morte pelos suicidas, com esse dia como banhista, com o pontilhismo como alternativa, incapaz de apertar o universo em um retângulo, o rato reinava, o rei ruía e Roma era trapo.

Dublina 7

dentro de uma farmácia

em uma esquina de Dublin

levanto uma barra de sabonete de limão

até as narinas e digo :

levarei essa.

levarei

as 100 letras desconexas de Finnegans Wake

de almoço à 1:00 pm

os vidros de perfume vazios e coloridos

sem os enigmas de Ulysses

a costeleta isóscele do professor de literatura

e o urinol vitoriano para criança

Dublina 8

aspiradores de sugar traças

ou ratos a roer o corpo de Cristo

contemplávamos na estação de lambri

em vez de horas

letras

templo de Cícero, Burke, Dr. Parnell e Robert Clayton

escadas que invejariam

João Pé de Feijão

todos os monstros e santos

deitados em suas prateleiras

e a imortalidade a perturbar

conversas insignificantes

Dublinia 9

sonho com T :

vivos e mortos se misturam

caleidoscópio de alguma coisa.

Da sala onde fizemos amor

tiraram todos os móveis,

árvores, montanhas, oceanos.

subo a escada

de uma casa branca

para ver o quadrilátero

de ruas de terra;

desço no tempo

que o tempo amadurece

uma vaga vontade

degraus desabitados

da partida de suas

mãos

Dublina 10

A família e seguidores de William Butler Yeats agradecem. A obsessão de querer Maud Gonne, 6 *feet tall*, revolucionária, artista e irremediavelmente bela, como musa, valeu ao poeta 52 anos de dor que perdura a beleza de um amor que não deu certo.

Dublinia not 11

o homem pegando fogo
feito borracha (
cheiro de borracha queimando
) seguido por um menino
em chamas,
negro
confundido com fumaça
simpatizante
dos que passavam na rua
milhões
boicotando/ boicotavam
todos de
costas
como o mundo;
albinos são caçados
e os ossos enterrados
para virar diamantes;
pretos mortos
envelopados
em sacos de plástico;
Uma garota rouba um sapato no trem;
O banco não retorna o dinheiro;
uma mulher levanta seu bebê sobre a cabeça
e de repente
ele parece um buda

Dublinia not 12

Meu rosto como Paul McCartney
Liverpool nas flácidas manhãs de chuva
balões (murchos) de fim de festa
nas laterais do pub,
na eminência triangular da face. Apêndices nasais
que atravessam a Abbey Road
a assoviar a versão da História
e desviar meu curso.
St Paul's na abóboda de diamantes
amor não pode comprar
em procissão de ossos
do domingo londrino;
olhos
caídos em recesso
no Tâmis crêem.
Sobrancelhas arqueadas
ligam a ponte
de Tate à tradição
a revelar vaidades
que só o artifício conserta:
enruiva o ébano
agora marfim
tonalizante capilar.

Dublinia not 13

outro dia
ao lado do underground
homeless
a luz me cortava
como corta as paredes
no fim de tarde.
prisma maculado naquele chão trotante
apontava a direção para os que iam ao trabalho
e àqueles sem direção
empurrava o destino ao lado de Eros.
o parque respirava cadeiras e odores sem sol,
os ônibus se movimentavam
vermelhos e duplos,
Agatha Christie anunciava sua armadilha de rato no ar.
ar era caminho.
pais acoleiravam as crianças na iminência de fugir,
jovens pulavam catracas na falta do homem com turbante.
o dia agitava seu início
e desprovida de manchetes para deitar,
me equilibrava num casco,
(tartaruga sem código postal)
caravela estacionada
feminina coca-cola.

Dublinia not 14

o café tão lúgubre
quanto lá fora
roxo, *cranberry*, *raspberry*
todos primos do morango
combina com o topo enevoadado do Parlamento
e o relógio Grande Ben desprezado;
as luzes em cima do espelho
lembram o camarim pobre
de uma artista em cidade de veraneio;
Green Leaves pelas paredes
aguenta os acordes dissonantes do frio
no violão de Segóvia;
a manteiga na superfície do pão
é engolida como uma porta de correr;
um *gentleman* ao telefone diz:
'What a long way to Vanderbilt Road ';
a sopa de tomate e abobrinha
chega ao fim

Obituarius series

Ob 1.

Jeden

em sua terra,

1

início de seu projeto.

Desejo de ordenar a morte

o tempo

impressa os dias

na acrílica negra,

maratonista

a correr contra as telas,

fabricador de tiragens da finitude.

Auto-retratos monocromos,

gregos com sua noção

de números

sem veladuras aproximam os milhões.

Cada algarismo a caminhar

(irreversível)

nos centímetros das datas

ofegar dos dias

repetição que acalma

mínima e plana

Roman Opalka

de borrar o fim.

A cada *cock-crow*

retorna à sua contagem progressiva

obsessão de volta ao pó

grude na borda da pintura

transcendência ali,

latido de cão.

Insistente suicídio de números,

abismo de sua *hillside*,

sem barganhas com o infinito

ele chega

com os braços esticados

portador

do No 5607249.

Ob 2.

ideias sem tinta
agarram-se ao seco
prensando a roupa
numa lavanderia do Brooklyn.

5 lances de escada

Samuel Menashe

percorre
árvore velha
do Central Park

tardes recitadas
galhos incrustam as folhas,

em sua mesa na janela
o caule da caneta
goteja
4 linhas por dia

na cozinha sorve o mingau de aveia,
feno do apartamento sem água tépida;
empurra Ted Hughes na prateleira
fronteira a sair do anonimato

o vazio da manhã segura
a alma parada do poeta
como água numa jarra

Ob 3.

Religião ou ópio,
a última reverência de Jamphel Yeshi
competia com o clarão do sol
do dia agora próximo do Himalaia,
imolado
em frente a estátua.
Serena com os braços decepados
o rosto martelado
cortada da cintura para baixo.
Assistira a retirada das formigas no caminho,
as pessoas circumambulando ao redor da estupa,
ao exílio das rodas de oração,
as bandeiras coloridas de Potala
resistindo ao exército
de uma só voz.

Ob 4.

quando aquele paradoxo

moreno e crocante do lado de fora

elástico e mole do lado de dentro

fervido e assado

redondo e com furo

nunca com o mesmo formato

saiu do forno de uma garagem

Murray Lender era apenas o filho

e não usava óculos

não baixava a porta da garagem de sua casa

não possuía os dedos para tocar bateria

não compunha cantatas

não era teatral

não havia crescido com seu nariz de boxeador

não viajava

não percorria lojas com 12 espécies criadas por seu pai

não havia frequentado câmaras de refrigeração

não se deixava fotografar com guirlandas de farinha e tranco

não se importava com carboidratos, geléias, uvas passas

não fazia os movimentos circulares para a massa de pão.

Hoje jaz

com o mesmo vazio efusivo

dos olhos dos *bagels*

numa cesta de padaria.

Ob 5.

descalço como os santos

Sailendra Manna está

nos degraus

templos

crianças a vender lamparinas

barqueiros

cânticos

pira

às margens do Ganges.

menino bengali que jogava futebol

entre cabras e nacos de vidro

ao lado dos rios azuis

e elefantes da estrada

homens sentados e

mulheres assentando tijolos

não possuía chuteira, sapato, bota.

seus pés eram metáfora

para outras virtudes;

unhas que se despregavam

pernas que pareciam de aço

a força da mente das vacas sagradas.

Capitão das listras vinho e verde,

cacos de gelo, dedos apodrecidos

no campo no inverno

eram os adversários em Helsinque.

pênalti fracassado

doía mais

que

as 19 rupias conquistadas.

Na ruela de fúcsia, açafão, olhos e meneios de cabeça,

dentro do armário

blazers, gravatas, medalhas

doadas.

no bolso octogenário

Kali

conquistadora descalça dos demônios.

Ob 6.

*para meu pai**

“Quando minha goela se abriu
encantou-lhe
a esquizofrenia do amor
janelas vorazes abaixadas
ciúme contido no bolso

sentada abaixo
da reprodução de Debret
desfazia a variz da perna
entre um drinque e uma vitrola

abstraía a vida
assim nas docerias
como as escadas
sem corrimão
unhas compridas na pele
faziam papel de mãe

na mesa de jacarandá
nunca as receitas de televisor
só veios a contornar
concreto e ardósia

agora meu rosto embaça
o painel de números

difusa
contas não batem
valores despencam
caído no chão duro
de um aquário
que cifra o mundo
mijado
berros ecoam
na casa
das janelas jamais abertas
de minha biblioteca de Mao
ciúme adormecido
no closet”

** falecido na Bolsa de Valores de SP em 31/08/1998*

Ob 7.

Negros acordavam a rocha
com o ribombar
de suas botas de borracha
a auscultar os diamantes.

Ela recebia um
de 69.42 quilates.
Cada marido um maior,
sete ao todo,
a competirem com o brilho
da ametista dos globos.

O nácar da pele
não saciava o sucesso
que a pedra ao nascer reconhece.

Pernas curtas roliças
não alcançavam
a estatura dos valores;
bebidas, brigas, tiaras
rainhas eram
a seduzir César e Marco Antônio
na vida de faz de conta.

Os rubis em sangue doado
aura deram aos anônimos.
A astronomia foi o seu lugar.

À Liz Taylor

Ob 8.

Carlos I da Espanha usava

Ticiano sabia

coabrindo a tela e a fenda

das calças justas

(entrepernas)

me lembro criança

com os cogumelos

a tomar sol

na grama da casa lagari 12

aqueles botões

na frente do denim

aguardavam batalhas navais

corridas de bicicleta

guerra de mamonas

o vinagre dos meninos;

nos velhos

ora

não guardavam

portinhola dos gatos da cozinha

a braguilha

hoje range

nos dentes metálicos

do fecho éclair

Este livro foi impresso em tipografia e alto-relevo francês a seco e à tinta, em novembro de 2012, sobre os papéis Rives Tradition Pale Cream 170g e Rives Tradition Le Noir 250g, pela Gráfica Marly-Rio, com tiragem limitada de 100 exemplares.

Exemplar nº

P. 10

Marcia Clayh